

# A formação e a prática de ensino dos professores de filosofia da educação a partir de Deleuze e Guattari: formação de conceitos e desterritorialização

*Education and teaching practice of teacher's philosophy of education from Deleuze and Guattari: concepts formation and deterritorialization*

**Fernanda Antônia Barbosa da Mota**

Doutora em Educação.

Professora de Filosofia da Educação da Universidade Federal do Piauí (UFPI),

Teresina – PI, Brasil.

fabmota13@yahoo.com.br

**Resumo:** O objetivo deste artigo é explicitar algumas ideias sobre a formação e a prática de ensino dos professores de Filosofia da Educação a partir de Deleuze e Guattari. Os aportes teóricos que fundamentaram o estudo foram: Albuquerque (1998, 2003), Tomazetti (2003), Severino (2000), Deleuze e Guattari (2010, 2011) e Gallo (2007, 2008), dentre outros. Ressaltamos que Deleuze e Guattari constituem nossa principal base teórica. Após enfatizar alguns aspectos históricos do campo disciplinar da Filosofia da Educação e apresentar a proposta de uma Filosofia da Educação como criação de conceitos, elaboramos uma conceituação de prática de ensino de Filosofia da Educação como desterritorialização baseada nas ideias de Deleuze e Guattari.

**Palavras-chave:** Deleuze e Guattari. Ensino. Filosofia da Educação. Formação de Professores.

**Abstract:** The objective of this paper was to show some ideas about education and teaching practice of teacher's Philosophy of Education from Deleuze and Guattari. The theoretical supports that founded our study are: Albuquerque (1998, 2003), Tomazetti (2003), Severino (2000), Deleuze e Guattari (2010, 2011) e Gallo (2007, 2008), among others. We note that Deleuze and Guattari are our principal theoretical base. After emphasized some historical aspects of Philosophy's Education as disciplinary field and to show the proposal of a Philosophy of Education as creation of concepts, we build a concept of practice of teaching of Philosophy's Education as deterritorialization based on the Deleuze and Guattari's ideas.

**Key words:** Deleuze & Guattari. Philosophy of Education. Teacher's Education. Teaching.

## Introdução

O ensino de Filosofia da Educação tem sido alvo de discussões por autores, pesquisadores e demais profissionais da área na tentativa de consolidar a Filosofia da Educação como um campo de saber legitimado pela teoria e pela prática. Dentre as questões mais polêmicas, o ponto nevrálgico é a forma como o ensino da disciplina Filosofia da Educação tem sido praticado pelos professores.

A partir dessas discussões e de dados empíricos encontrados nas bases de dissertações e teses, constatamos que as pesquisas voltadas para o campo da Filosofia da Educação, até então, não privilegiaram especificamente a questão da prática de ensino dos professores que atuam nessa área. Dentre os estudos e pesquisas encontrados na área, a maioria discute a Filosofia da Educação de autores ou correntes teóricas, a identidade da Filosofia da Educação, temas e conteúdos específicos da Filosofia da Educação, o programa da disciplina Filosofia da Educação e a história da disciplina Filosofia da Educação.

Assim, nos poucos debates mencionados que privilegiam a questão sobre a prática dos professores, as pesquisas têm apontado que, predominantemente, ou o professor assume uma posição puramente filosófica ou ele assume uma posição que privilegia o aspecto pedagógico, dependendo da formação daquele que ensina. Desse modo, podemos constatar, a partir da literatura especializada, que o que ocorre nos moldes atuais predominantes é ou um ensino de conteúdos filosóficos puros, ou um ensino de conteúdos pedagógicos exclusivos; ou ainda, um ensino caracterizado pela presença de conteúdos de ambas as áreas, mas no qual um deles se sobrepõe de forma desmesurada ao outro. Em todos esses casos, o ensino da Filosofia da Educação fica comprometido, pois o critério norteador da prática do professor tem sido seus saberes oriundos de sua formação inicial e continuada.

Nessa perspectiva, através deste estudo, pretendemos modestamente ampliar os debates no campo filosófico-educacional para a construção de uma base de conhecimentos que contribuam significativamente para expandir o diálogo no campo acadêmico para futuras pesquisas sobre o ensino de Filosofia da Educação.

No intuito de tentar oferecer uma modesta contribuição para a reflexão sobre o tema aqui abordado, teceremos algumas considerações sobre o ensino da Filosofia da Educação a partir de três tópicos inter-relacionados. Primeiro, abordaremos alguns aspectos históricos da constituição e consolidação do campo disciplinar da Filosofia da Educação no Brasil. Em seguida, fundamentado nas

ideias dos teóricos Deleuze e Guattari, faremos uma discussão acerca do ensino de Filosofia da Educação como criação de conceitos. Por fim, apresentaremos algumas considerações sobre a necessidade do professor de Filosofia da Educação, independentemente de sua formação, praticar o ensino de Filosofia da Educação como desterritorialização.

## Breve histórico da constituição e consolidação do campo disciplinar da Filosofia da Educação no Brasil

Os primórdios da Filosofia da Educação no Brasil remontam à introdução de conteúdos de natureza filosófica relacionados com temas ou questões educacionais nos currículos das escolas normais a partir dos anos 30 do século XIX. Como disciplina acadêmica, a Filosofia da Educação aparece somente nos anos 30 do século seguinte. A partir dos anos 70 do século XX, em virtude do surgimento da Filosofia da Educação também como programa ou área de concentração de alguns dos recém-criados cursos de pós-graduação em Educação (em nível de mestrado e doutorado), houve a constituição do campo disciplinar da Filosofia da Educação.

As décadas subsequentes de 80 e 90 são consideradas cruciais para a consolidação da Filosofia da Educação como campo disciplinar. Esse período é considerado o mais fértil no que tange à produção de estudos e pesquisas oriundos do campo investigativo filosófico-educacional. Após a década de 90, a intensa produção de artigos e livros que predominaram nas décadas anteriores diminuiu consideravelmente. Alguns estudiosos consideram que esse declínio ocorreu em decorrência da reformulação do curso de Pedagogia, no qual a disciplina Filosofia da Educação teve sua carga horária reduzida, assim como em outros cursos de formação de professores.

Finalmente, é preciso destacar que, a despeito do relativo declínio no âmbito das publicações da área, o período compreendido entre meados dos anos 90 e o início dos anos 2000 é bastante rico no que concerne aos esforços em prol da organização e mapeamento da produção teórica, delimitação temática e demais estudos sobre a identidade e especificidade da Filosofia da Educação. Esse esforço teórico e de sistematização ocorre a partir da criação do GT – Filosofia da Educação, cujo primeiro encontro ocorre na 17ª reunião da ANPED, realizado no ano de

1994. A partir daí, os encontros subsequentes são marcados por intensos debates entre os principais pesquisadores da área em torno de perspectivas, caminhos e delineamentos predominantes para o campo disciplinar da Filosofia da Educação.

Severino (2000) considera que é particularmente difícil falar sobre Filosofia da Educação no Brasil em virtude da escassez tanto de estudos históricos quanto de estudos teóricos sobre a natureza e a prática da Filosofia da Educação. Na sua perspectiva, os profissionais que atuam com a disciplina Filosofia da Educação devem assumir, como uma referência comum, o sentido óbvio de que se trata de uma reflexão filosófica sobre a Educação. Entretanto, o próprio autor adverte que tal ato de pensar sistematicamente a Educação varia bastante devido, por um lado, a uma ênfase exagerada atribuída à Filosofia, em detrimento da Educação; e, por outro lado, a uma ênfase exagerada atribuída à Educação, em detrimento da Filosofia. Para ele,

A questão da identidade da Filosofia da Educação vai suscitar a discussão de suas relações não só com as ciências da Educação, mas também suas relações com a própria Filosofia, questionando-se a sua condição de autonomia frente à Filosofia Geral ou de mera aplicação da mesma ao campo educativo. Além disso, coloca-se também a questão de seu ensino, o que levanta o problema de seu estatuto disciplinar, como componente curricular dos cursos de formação de educadores (SEVERINO, 2000, p.282).

Severino (2000) escreve ainda que na teorização filosófico-educacional, particularmente nas duas décadas mais recentes, pode ser verificada uma forte tendência por parte dos autores e pesquisadores brasileiros de tentar elucidar a Filosofia da Educação a partir de filósofos ou escolas teóricas específicas.

Assim, compreendemos que a necessidade de lidar com conhecimentos filosóficos e educacionais explica, parcialmente, a amplitude e complexidade da pesquisa e do ensino em Filosofia da Educação. Por outro lado, os poucos consensos acerca do estatuto da Filosofia da Educação, de sua delimitação temática e de seus procedimentos metodológicos contribuem para dificultar a execução da prática docente a partir de bases teóricas norteadoras. Neste sentido, Albuquerque (1998) defende que o que o professor de Filosofia da Educação faz, no contexto do ensino

de sua disciplina, está diretamente relacionado aos conhecimentos oriundos da sua formação.

Desse modo, a formação do professor de Filosofia da Educação constitui um dos principais fatores na construção dos processos de desenvolvimento da disciplina Filosofia da Educação, que tenderá a privilegiar os conteúdos filosóficos ou pedagógicos, dependendo dos tipos de conhecimentos predominantemente internalizados pelo professor ao longo de sua formação. Tal constatação denota que, respectivamente, os pressupostos teórico-metodológicos recebidos em uma formação filosófica ou em uma formação pedagógica resultam, na prática, em um fechamento cognitivo expresso na ênfase demasiada nos conteúdos filosóficos em detrimento dos assuntos pedagógicos, no primeiro caso; ou na ênfase demasiada nos conteúdos pedagógicos em detrimento dos assuntos filosóficos. Assim, nosso entendimento é favorável ao diálogo entre a Educação e a Filosofia, e contrário à sujeição de uma sobre a outra.

Nessa perspectiva, outro estudo realizado por Albuquerque, que analisa as concepções de alguns dos principais teóricos da área e investiga os programas de ensino de Filosofia da Educação em dez instituições públicas de ensino superior em diferentes estados brasileiros, evidencia dados preocupantes tanto no que se refere ao ponto de vista intelectual quanto no que diz respeito à prática de ensino dos docentes.

[...] os resultados da pesquisa revelaram, entre outras coisas: a postura preconceituosa com que a disciplina Filosofia da Educação é vista nos meios filosóficos, isto é, como *coisa de pedagogos*; a tendência dos próprios intelectuais da Filosofia da Educação de dissertar muito mais sobre os aspectos puramente filosóficos, deixando a educação como mera conclusão dos seus textos; a dispersividade temática constitutiva dos programas de Filosofia da Educação; a carência de investimentos intelectuais na área, em termos de artigos, livros, dissertações e teses, além da precariedade de instâncias de consagração e legitimação das suas produções. Com base nesses resultados, a pesquisa ressaltou, diferentemente da perspectiva da superfluidade da Filosofia da Educação, a necessidade de um redimensionamento da disciplina, com

vista à construção de novos projetos filosóficos para a educação (ALBUQUERQUE, 2003, p.4).

Albuquerque (2003) complementa os resultados de sua investigação com a advertência de que seu trabalho, realizado originalmente no ano de 1998, teve o propósito de provocar um debate em torno de um tópico que tem recebido pouco investimento intelectual por parte dos filósofos da Educação, isto é, o ensino.

Alguns estudos recentes, em nível de doutorado, constataram que a análise dos programas de Filosofia da Educação revela três posturas a partir das quais os docentes da área costumam trabalhar com o ensino da disciplina homônima (QUILICI NETO, 2001; TOMAZETTI, 2003; VIEIRA, 2010). Na primeira forma, a Filosofia é amplamente usada como referencial teórico, metodológico e analítico para investigar os problemas educacionais. Na segunda forma, mais próxima da História da Filosofia, alguns tópicos filosóficos são selecionados e trabalhados em substituição à Filosofia da Educação. E, na terceira forma, utilizada de forma predominante por docentes com formação pedagógica, a discussão principal fica por conta de questões especificamente ligadas à Educação. Nos dois primeiros casos, o predomínio é filosófico (a História da Filosofia, tópicos filosóficos, etc.) e, no terceiro caso, o predomínio é pedagógico (didática, teorias educacionais, metodologia de ensino da filosofia, etc.). Em comum, nos três procedimentos, o professor se distancia da Filosofia da Educação, na medida em que prioriza, na sua prática de ensino, ou a Filosofia, ou a Educação.

Portanto, o que percebemos em nosso trabalho é que há no Brasil a estruturação de algumas idéias de Filosofia da Educação, mas que não há uma Filosofia da Educação. Existem Filosofias da Educação. Há diversidade tanto nas concepções filosóficas como nas concepções educacionais (QUILICI NETO, 2001, p.16).

Nessa perspectiva, Mazzotti (2000, p.186) evidencia que, se a prática de ensino da Filosofia da Educação depende de escolhas individuais e idiossincráticas, então, fica estabelecida a inviabilidade de qualquer Filosofia orientar a Filosofia da Educação. Em outras palavras, ao eleger solitariamente a Filosofia que vai nortear a sua Filosofia da Educação e sem o diálogo necessário entre seus pares,

o docente corre um sério risco de transformar a sua prática educativa em mera doutrinação.

No âmbito dessa discussão evidencia-se o fato de que distintas orientações teóricas produzem diferentes concepções de Filosofia da Educação e, consequentemente, diferentes práticas de ensino. Tal quadro torna-se ainda mais complexo quando consideramos a diversidade da formação inicial e continuada dos professores que atuam no campo da Filosofia da Educação. Isto porque, ainda que seja possível encontrar profissionais detentores das mais diversificadas formações, a maioria é formada em Pedagogia ou Filosofia, ou em ambos os cursos, ou, ainda, têm graduação em Pedagogia com pós-graduação em Filosofia, ou graduação em Filosofia com pós-graduação em Educação.

Se considerarmos que a formação (graduação e pós-graduação) do professor de Filosofia da Educação não é consensual, resta saber como e até que ponto esta formação diversificada pode implicar em compreensões distintas do lugar e função do campo da Filosofia da Educação no curso de Pedagogia e, consequentemente, como tal enfoque teórico-metodológico distinto orienta a sua prática em sala de aula, afetando assim a sua contribuição à formação do pedagogo.

Diante do exposto até aqui, é possível constatar que, nos dias atuais, o campo da Filosofia da Educação continua permeado pelo antigo dilema que faz com que teóricos, pesquisadores e professores tenham que eleger a vertente filosófica ou a pedagógica como predominantes tanto na formulação de sua concepção de Filosofia da Educação quanto para o seu ensino. Em ambos os casos, persiste uma indesejável priorização de uma área em detrimento de outra.

Não obstante, tais questões constituem importantes lacunas na literatura especializada acerca da formação docente, visto que são escassos os estudos acerca da prática de ensino dos professores de Filosofia da Educação no Brasil.

Diante desse impasse, como conceber a Filosofia da Educação e como praticar o seu ensino sem cair nas mesmas armadilhas das tendências vigentes?

Para o filósofo da Educação Gallo (2007), a Filosofia da Educação pode ser ressignificada a partir da Filosofia de Deleuze, pois sua concepção de Filosofia como criação de conceitos sugere que no campo da Filosofia da Educação no Brasil é possível criar indefinidamente novas proposições. Nessa perspectiva, a Filosofia da Educação deixa de ser concebida unicamente como uma disciplina voltada para a formação de pedagogos e professores e passa a ser considerada como um campo investigativo e de produção de novos saberes.

É importante notar que esse enfoque também permite revisar duas concepções consideradas fulcrais no campo da Filosofia da Educação: a ideia segundo a qual a Filosofia da Educação é sempre uma reflexão sobre a Educação e a noção de que a Filosofia da Educação é um dos fundamentos da Educação. A explicação é complementada nos seguintes termos:

O filósofo da Educação, portanto, não é um filósofo qualquer, mas alguém que habita o território educacional, que experimenta e vive seus problemas, e cria conceitos para enfrentá-los. Um filósofo não pode criar conceitos em relação à Educação se não a experimentar, se não viver, de fato, seus problemas. Por essa razão, a Filosofia da Educação não pode ser simplesmente uma Filosofia aplicada. E também não pode ser uma Filosofia qualquer, uma “reflexão sobre”, como alguém que está fora do campo educacional, ou um “fundamento” para a Educação, continuando externa a ela. A Filosofia da Educação estabelece uma relação de simbiose (não de parasita, como na “reflexão sobre”) com a Educação. Sem a Educação como plano de imanência, o filósofo da Educação não produz conceitos. Ressalte-se que os conceitos ali produzidos estabelecem o necessário diálogo com os problemas educacionais como instrumentos para o seu enfrentamento (GALLO, 2007, p.281).

Neste sentido, evidencia-se a sugestão de que o potencial criativo da Filosofia da Educação como campo é instado como alternativa ao seu “[...] progressivo fechamento e diminuição, como efeito da simples repetição daquilo que se produz em Filosofia” (GALLO, 2007, p.282). Assim, a proposta aqui vislumbrada é a da prática do ensino da Filosofia não como uma atividade caracterizada meramente pela reprodução de ideias, mas como uma atividade criativa e criadora, tanto nas possibilidades de novas aplicações ou conexões para antigas ideias quanto na abordagem de problemas educacionais. Para melhor compreender essa noção de Filosofia da Educação como atividade dinâmica e aberta, oposta ao modelo estático e fechado das práticas de ensino tradicionais, passamos à exposição da Filosofia como criação de conceitos na perspectiva de Deleuze e Guattari.



## A Filosofia da Educação como criação de conceitos

Deleuze e Guattari enfatizam a mudança como uma das mais importantes características filosóficas e propõem que, embora os conceitos tenham sua origem circunscrita historicamente, eles se modificam através dos tempos.

Dessa forma, tal como os conceitos são submetidos às exigências de renovação, também em sua prática de ensino o professor de Filosofia da Educação não pode se fechar cognitivamente sem perspectivas para novas proposições, ou obstruindo novas ideias e novos conceitos. Pois consideramos que existe uma fonte inesgotável a ser explorada, expressa pela possibilidade que os professores têm de se nomadizar para os campos filosófico e educacional, tomando esse exercício como uma forma de estabelecer fecundos diálogos entre esses dois territórios, além de ampliar as perspectivas sobre seus problemas e procedimentos para criar novos saberes para a Filosofia da Educação.

Assim, os professores não mais estariam analisando conceitos, mas criando conceitos, pois, como afirmam Deleuze e Guattari, os conceitos não estão aí para serem encontrados, mas para serem criados, fabricados. Para criar conceitos é necessário um plano de imanência a partir do qual o professor poderá experimentar os problemas e organizar os elementos que se encontram predispostos nesse plano, sendo que a organização desses elementos é que configura o conceito. Além disso, os referidos autores advertem que a constituição de um conceito é sempre complexa porque, além de não existir conceitos simples, todo conceito possui componentes a partir dos quais ele se define.

Assim, para Deleuze e Guattari, a Filosofia não é contemplação, nem reflexão e nem comunicação. Da mesma forma, para os professores de Filosofia da Educação, seu ensino não pode ser reprodução ou repetição daquilo que já foi criado por filósofos e educadores porque criar não é sinônimo de reproduzir, repetir. A respeito disso, os referidos teóricos enfatizam que a reprodução seria um mero vislumbre, uma contemplação da coisa em si, de uma essência que já existe. Da mesma forma, o ensino não é uma reflexão, pois a reflexão não é uma atividade exclusiva do filósofo e, portanto, ele não deve se limitar a ela. A crítica de Deleuze e Guattari à Filosofia como atividade reflexiva ocorre nos seguintes termos:

Ela não é reflexão, porque ninguém precisa de filosofia para refletir sobre o que quer que seja: acredita-se dar muito à filosofia

fazendo dela a arte da reflexão, mas retira-se tudo dela, pois os matemáticos como tais não esperaram jamais os filósofos para refletir sobre a matemática, nem os artistas sobre a pintura ou a música; dizer que eles se tornam então filósofos é uma brincadeira de mau gosto, já que sua reflexão pertence a sua criação respectiva (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 12).

Por último, a Filosofia não pode ser considerada como uma atividade comunicativa porque, a exemplo da crença nutrida pelos filósofos antigos que procuravam se diferenciar dos sofistas, a busca da sabedoria e da verdade não é a mesma coisa que a obtenção de consenso por meio da persuasão. Assim, criar o *consenso* não é a mesma coisa que criar o *conceito* (a atividade especificamente filosófica). Em suma:

A filosofia não contempla, não reflete, não comunica, se bem que ela tenha de criar conceitos para estas ações ou paixões. A contemplação, a reflexão, a comunicação não são disciplinas, mas máquinas de constituir Universais em todas as disciplinas. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.12-13).

Nesta perspectiva, evidencia-se que o papel do professor de Filosofia da Educação ficou circunscrito aos métodos de transmissão de conhecimentos filosóficos ou educacionais, sempre limitados a ensinar a reflexão a contemplar aquilo que outros filósofos e educadores já criaram ou a comunicar resultados previamente obtidos. Ou seja, o ensinar seria uma maneira de conhecer o que já fora anteriormente criado. Assim, a importância dada ao ensino de Filosofia da Educação deve ser redimensionada para que a mera função de transmissor de conhecimento seja ultrapassada para que possamos encontrar os caminhos da superação na criação ao nos nomadizar através do processo de desterritorialização.

Na sequência da exposição, explicamos o processo de desterritorialização e sua relevância para a proposição de uma prática de ensino de Filosofia da Educação à luz das ideias de Deleuze e Guattari.

## O ensino de Filosofia da Educação na prática: desterritorialização

Quando Deleuze e Guattari (2010) afirmam que a Filosofia é uma Geofilosofia, eles enfatizam a dinâmica do movimento do pensamento que ocorre, metaforicamente, na saída (desterritorialização) de um território em direção (reterritorialização) a um outro território.

Por sua vez, Machado (2010) sustenta que a Filosofia de Deleuze se propõe mais como uma geografia do que como uma história porque o pensamento não é visto como um processo evolutivo sucessivo e linear, mas sim como algo que privilegia a constituição de espaços múltiplos, heterogêneos e antagônicos. Assim, a função do pensamento não é dar continuidade a um pensamento velho, mas tornar possível a ocorrência de um novo pensamento.

Assim, torna-se imperativo que o ensino de Filosofia da Educação na prática possa efetuar os processos de desterritorialização.

Para Deleuze e Guattari, o pensamento se faz no processo de desterritorialização. Pensar é desterritorializar. Isto quer dizer que o pensamento só é possível na criação e para se criar algo novo, é necessário romper com o território existente, criando outro (HAESBAERT; BRUCE, 2002, p. 9).

Aqui, a ideia segundo a qual a Filosofia é uma Geofilosofia pode ser retomada e explicada a partir do conceito de desterritorialização. Se assumirmos que, dentre as três exclusivas formas de pensamento, somente a Filosofia é conceituada como sendo capaz de inventar conceitos, então o movimento de desterritorialização original, isto é, criador de um novo território, compete a ela. Desse modo, o conceito de desterritorialização não pode ser pensado apartado do conceito de reterritorialização. Deleuze e Guattari (2010) recordam que os movimentos de desterritorialização não podem ser separados dos territórios que se abrem em novos horizontes, assim como os processos de reterritorialização não podem ser separados da terra que restabelece territórios.

Nessa perspectiva, Zourabichvili (2004) explica que Deleuze e Guattari sustentam que o processo de desterritorialização pode ser relativo ou absoluto, sendo que em ambos os casos isso significa o movimento pelo qual se deixa

o território. É preciso ressaltar também que a desterritorialização relativa diz respeito ao campo social. A desterritorialização absoluta concerne ao pensamento. E todo movimento de desterritorialização é acompanhado por uma reterritorialização.

Todas as questões postuladas até aqui nos movem à procura de algo onde possamos ensinar a Filosofia da Educação sem nos deixar envolver por questões dogmáticas do pensamento e que estão dispostas ao longo de todo o universo temático da Filosofia da Educação, seja nos discursos, nas ementas das disciplinas, nos conteúdos, enfim, em todo um campo fechado que nos rodeia. E é a partir dessa teia que nos enreda, levando-nos a virar de costas a nós mesmos, que devemos oferecer resistência à tentativa de nos fixar em um único território, aterrorizados e sem forças para mover nosso pensamento em busca de outros territórios, para conhecer novas terras, nos tornarmos nômades. Pois para criar é necessário habitar sem se fixar nos territórios filosófico ou educacional, visto que a produção de conceitos no campo da Filosofia da Educação ocorre somente mediante o processo de desterritorialização.

Se ampliarmos a imagem metafórica dos territórios, é possível pensar numa *Geofilosofia da Educação*. É importante ressaltar que nessa interpretação não se trata meramente de uma transposição das ideias de Deleuze e Guattari para o campo educacional, pois isso constituiria exatamente o contrário da proposta dos autores que consiste não em repetir o que os grandes filósofos disseram, mas em procurar fazer justamente aquilo que eles fizeram, isto é, criar conceitos para lidar com problemas que estão constantemente mudando e, conseqüentemente, exigindo cada vez mais do trabalho e criatividade docente.

Para Gallo (2008), o filósofo da Educação também é necessariamente um criador de conceitos. Todavia, ele diferencia-se dos demais filósofos, tão-somente pela sua imersão característica no território da Educação, algo que outros filósofos não podem ou não querem fazer. Ele continua:

Se o que importa é resgatar o filósofo criador (de resto, a única possibilidade para que ele seja filósofo), então o filósofo da educação deve ser aquele que cria conceitos e que instaura um plano de imanência que corte o campo de saberes educacionais. Uma filosofia da educação, nessa perspectiva, seria resultado de uma dupla instauração, um duplo corte: o rasgo no caos operado

pela filosofia e o rasgo no caos operado pela educação. Ela seria resultante de um cruzamento de planos: plano de imanência da filosofia, plano de composição da educação enquanto arte, múltiplos planos de prospecção e de referência da educação enquanto ciências(s). (GALLO, 2008, p.57).

Nessa perspectiva, filósofo da Educação é alguém que transita, principalmente, entre o território filosófico e o território educacional, mas prioriza os problemas educacionais por ser diretamente afetado por eles. Assim, para Gallo (2008), o papel do filósofo é pensar filosoficamente as questões colocadas pelo plano de imanência que corta transversalmente o campo de saberes em que se constitui a Educação. Entretanto, é importante mencionar que os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização que todo filósofo é capaz de efetuar não são previamente determináveis, pois no platô educacional, assim como em todos os demais planos de composição, as linhas de articulação e linhas de fugas são sempre múltiplas.

É nesse sentido que Deleuze e Guattari (2011) afirmam que o ato de escrever não tem relação nenhuma com o ato de atribuir significado, pois escrever relaciona-se ao agrimensar, ao cartografar as regiões do pensamento, mesmo que sejam regiões ainda por vir. O problema aqui, como advertimos anteriormente, é que embora o filósofo da Educação tenha infinitas possibilidades de fazer e ampliar seu mapa, através do processo de desterritorialização/reterritorialização, ele também pode escolher se fixar indefinidamente no mesmo território e se limitar a fazer o decalque, ou seja, a reprodução.

## Considerações finais

No contexto do ensino de Filosofia da Educação, uma das questões mais proeminentes diz respeito ao modo como se processa a articulação dos aportes teóricos filosóficos e educacionais e se essa articulação ocorre de maneira a produzir ou reproduzir conhecimentos. Além disso, a literatura especializada do campo filosófico-educacional aponta que as posturas evidenciadas acima se manifestam na prática de ensino do professor de Filosofia da Educação sob a forma de um predomínio filosófico ou um predomínio pedagógico que, em

ambos os casos, compromete negativamente a possibilidade de um diálogo entre os saberes relativos aos dois territórios.

Nessa perspectiva, nosso estudo procurou abordar tanto o dilema da produção/reprodução de conhecimento quanto a questão do diálogo entre as áreas da Filosofia e da Educação a partir das ideias de Deleuze e Guattari. Assim, a partir do que os autores denominam de uma experiência de pensamento, procuramos abordar os problemas originalmente educacionais a partir de um prisma filosófico que não caracterizasse justamente aquilo que deve ser evitado, ou seja, o predomínio de uma vertente sobre a outra.

Desse modo, a partir da noção de Filosofia como criação de conceitos propusemos uma perspectiva na qual a prática do professor de Filosofia da Educação se caracteriza não pela reprodução de ideias, conceitos e procedimentos extraídos de grandes filósofos ou educadores, mas que é norteadada pela infinita possibilidade criativa de inventar conceitos para lidar com problemas suscitados a partir de seu plano de imanência, sua atmosfera.

Na medida em que os problemas educacionais estão sempre mudando, faz-se necessário que a prática de ensino do professor de Filosofia da Educação não seja fixa ou fechada, ou seja, norteadada por saberes circunscritos aos limites estreitos de um determinado território. A alternativa, então, é nortear a prática de ensino do referido docente a partir de uma Geofilosofia da Educação. Nessa proposta, a criação de conceitos ocorre mediante o processo amplo e aberto de desterritorialização do pensamento, que possibilita ao professor, independentemente de sua formação, transitar livremente entre os diversos saberes oriundos dos territórios da Filosofia e da Educação sem se fixar em nenhum deles. Dessa forma, como nenhum dos dois territórios é privilegiado, não ocorre uma prática de ensino caracterizada pelo predomínio filosófico ou pedagógico, mas sim uma prática de ensino que se distingue pelas infinitas possibilidades dialógicas entre ambas.

## Referências

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. O ensino da filosofia da educação em questão. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação, Brasília, n.1, p. 1-11, nov.2003.

\_\_\_\_\_. Filosofia da educação: uma disciplina entre a dispersão de conteúdos e a ausência de identidade. Perspectiva, Florianópolis, v. 16, n.29, p.45-61, jan./jun. 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? 3. ed. Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

\_\_\_\_\_. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. v.1. 2. ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

GALLO, S. Filosofia da educação no Brasil do século XX: da crítica ao conceito. EccoS – Revista Científica, São Paulo, v.9, n.2, p. 261-284, jul./dez. 2007.

\_\_\_\_\_. Deleuze e a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. GEOgraphia, Rio de Janeiro, v.4, n.7, p.7-22, 2002.

MACHADO, Roberto. Uma geografia da diferença. Cult, São Paulo, n.108, p.9-10, 2010.

MAZZOTTI, T. Filosofia da educação: uma outra filosofia? In: GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo (Org.). O que é filosofia da educação?. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.185-204.

QUILICI NETO, A. O ensino de filosofia da educação no Brasil: uma análise dos programas de ensino de filosofia da educação dos cursos de Pedagogia do Estado de São Paulo (1988-1998). 2001. 494 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SEVERINO, Antonio Joaquim. A filosofia da educação no Brasil: esboço de uma trajetória In: GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo (Org.). O que é filosofia da educação?. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.265-326.

TOMAZETTI, Elisete M. Filosofia da educação: um estudo sobre a história da disciplina no Brasil. Ijuí: Unijuí, 2003.

VIEIRA, Marilene de Melo. Filosofia da educação na formação do pedagogo: discurso de autonomia e fabricação da heteronomia. 2010. 216f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ZOURABICHVILI, François. O Vocabulário Deleuze. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Cienti, 2004.

recebido em 1º dez. 2013 / aprovado em 19 mar. 2014

#### Para referenciar este texto:

MOTA, F. A. B. A formação e a prática de ensino dos professores de filosofia da educação a partir de deleuze e guattari: a formação de conceitos e a desterritorialização. *Dialogia*, São Paulo, n. 19, p. 131-145, jan./jun. 2014.

---